

## CIÊNCIA E AFETO

**Luiz Alex Silva Saraiva<sup>1</sup>**

O que se tem construído, compreendido e disseminado de forma hegemônica como conhecimento científico é uma forma de saber essencialmente objetiva. Isso em tese permitiria que se alcançasse a realidade tal como ela é, à medida que os conceitos e procedimentos científicos privilegiariam o mínimo possível de intervenção nesse real, o que permitiria seu estudo detalhado. Nessa seara, o pesquisador precisa ser neutro, uma vez que suas paixões enviesariam seus atos, turvando a sua visão e, dessa forma, tornando impreciso o processo de investigação científica. Não é preciso ir longe para perceber que esse tipo de conhecimento é desprovido de afeto, sendo a razão o grande mote de fazer ciência. É perseguindo a razão que se definem problemas de pesquisa, é por meio dela que se criam metodologias mais precisas, e é sobre ela que todo o edifício do conhecimento científico é erigido.

Mas aqui gostaríamos de tratar de outra forma de pensar a ciência. Há muito que esse constructo indefectível se viu com rachaduras que deixaram escapar outras possibilidades de fazer ciência. Neste texto destacamos às relacionadas ao afeto. Afeto tanto no sentido de afetividade quanto no sentido de afetação, isto é, de ser afetado. Não acreditamos em uma ciência objetiva porque aqueles que

---

<sup>1</sup> Editor-chefe da Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade. Doutor em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor Associado da Universidade Federal de Minas Gerais. <http://lattes.cnpq.br/8812184151373749>. <https://orcid.org/0000-0001-5307-9750>. [saraiva@face.ufmg.br](mailto:saraiva@face.ufmg.br). Endereço para correspondência: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Ciências Econômicas. Av. Antonio Carlos, 6627, Pampulha, Belo Horizonte, MG, Brasil. CEP: 31270-901. Telefone: (55 31) 34097235.



a concebem e a levam adiante não têm a capacidade de sê-lo: falta aos homens e mulheres a ausência de paixões das máquinas. Um tema, assim, é definido pelos contornos de escolhas afetivas, que aproximam ou afastam os pesquisadores de uma ou outra possibilidade de enquadramento temático. Da mesma forma, a formulação de metodologias está mais para escolhas que são justificáveis mais por conta dos afetos que encerram do que propriamente pela sua capacidade racional de construir caminhos para a investigação, um processo muito menos sobre nosso estrito controle racional do que assumiríamos dentro de uma perspectiva que atribui plena razão aos pesquisadores.

O processo científico, ao incorporar o afeto, traz humanização às práticas científicas, à medida que permite diálogos mais francos em torno de escolhas, aproximações e afastamentos, algo sem dúvida mais desejável que a elaboração de intermináveis raciocínios elípticos para justificar rotas tomadas em planos regidas por outras questões. Isso não significa que a ciência se torne menos rigorosa ou que se afaste do seu propósito de tentar conhecer o mundo que nos cerca: mas ao tomar seriamente o afeto como possibilidade, amplia o nosso ambiente ao torna-lo humano e, assim, passível de ser, além de explicado, sentido, intuído, sonhado etc., entre muitas possibilidades facultadas aos que se permitem olhares mais humanizados para a vida que levam.

E isso nos apresenta questões a serem resolvidas, como por exemplo:

Quais os desafios para que o pesquisador seja capaz de estar em relação consigo, suas próprias vulnerabilidades, estar em pesquisa, e dialogar, sem impor seu discurso ou sem querer que o outro sinta a sua dor como tantas vezes fizeram com ele? (Pessoa, 2021, p. 55).

Esta pergunta despretensiosa esbarra em questões complexas, como a consciência da própria subjetividade do pesquisador e as formas pelas quais ela define relações de equilíbrio consigo próprio, a questão das vulnerabilidades humanas daqueles que conduzem investigações científicas, a questão das

relações de poder nas práticas da ciência, e a alteridade a partir da reflexividade, pautas complexas tomadas individualmente, mas particularmente desafiadoras se o percurso passa pela reconcepção de uma ciência que abraça os afetos.

Nossa experiência tem demonstrado que quando se assumem pontos de partida, posições pessoais e políticas, assimetrias e falhas metodologicamente inevitáveis (Demo, 1987), o trabalho se torna mais honesto – e por isso mais completo do ponto de vista acadêmico – dos pontos de vista metodológico e político. Assumir limites está longe de significar fragilização do texto, do tema ou da investigação, é exatamente o oposto: fortalecem-se pesquisadores, pesquisados e a ciência como um todo ao permitir que nuances humanas sejam enunciadas e componham a elaboração de textos voltados para públicos cansados de tanta simulação e afastamento em prol de uma objetividade que só distancia a ciência da sociedade a quem deveria servir.

Este processo não é imune a contradições, decerto; mas isso se deve menos à honestidade acadêmica do que às fragilidades de fazer do afeto um elemento central da cientificidade. A questão é que o engajamento é contraditório à medida que é próprio do que constitui o humano (Hale, 2008). Procuramos ser racionais e coerentes, mas isso quase sempre é um exercício frustrado por conta de relações sociais que demandam novas posições, e sobreposições em relação a coisas que já dissemos ou fizemos, um processo que é de aprimoramento contínuo, como é próprio do devir humano. É nesse sentido que somar ciência é afeto é uma aposta em uma forma de conhecer mais pautada pelo que o mundo efetivamente é, e não pelo que gostaríamos que ele fosse. É considerar que o social nos afeta e nos impele mais do que a razão pode supor ou formular. E que reconhecer tais elementos é potência, e não ausência.

Neste segundo número de 2023, contamos com a **Capa** *O relógio, a fotografia e o tempo*, de *Raul Ribeiro*. Por meio do registro fotográfico de um relógio em Paris,

são abordadas a identidade e o simbolismo de um lugar que abriga temporalidades diferentes, um olhar para o ontem, o hoje e o amanhã.

Na seção **Artigos** este número, contamos com a contribuição *Sustentável pra quem? O consumo de alimentos na perspectiva político institucional brasileira*, de Rita Afonso, Luiza Farnese Lana Sarayed-Din, Cristine Clemente Carvalho e Roberto Bartholo, que reflete sobre a sustentabilidade em torno da produção e consumo de alimentos e a descrição dos movimentos e políticas públicas que constituíram o campo da alimentação no Brasil. A partir de entrevistas com representantes de setores do sistema alimentar brasileiro, a pesquisa aponta múltiplos interesses sobre a produção e consumo de alimentos recrutados por diferentes atores, seja como resposta às desigualdades estruturais do país, ou como mecanismo privilegiado de disputa política.

A Editoria da **Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade** tem o grande prazer de abrigar neste número uma **Homenagem a Mauricio Serva**. Executada com brilhantismo e afeto pelos editores especiais Daniel Moraes Pinheiro e Raphael Schlickmann, esta seção especial é composta por seis textos de conjugam rigor e afeto acadêmico.

No primeiro deles, *Vida, trajetória, legado e encontros de Maurício Serva: um desbravador do campo da ciência da administração no Brasil*, Daniel Moraes Pinheiro e Raphael Schlickmann introduzem a homenagem, tratando de alguns pontos de sua relação acadêmica e pessoal com o Professor Serva.

Carolina Andion, em *Semeador de futuros: as contribuições de Maurício Serva ao campo da administração no Brasil*, apresenta um depoimento tocante ao resgatar a trajetória de vida de Maurício Serva, bem como sua atuação no campo da administração no Brasil. Do alto de uma trajetória de mais de 30 anos ao lado do homenageado, Carolina destaca crítica, humanismo e interdisciplinaridade como

aspectos centrais da forma pela qual o homenageado tem abordado a administração, com ricas contribuições para o campo.

*Maurício Serva: um mestre entre o rigor e os afetos*, a contribuição de *Pedro Jaime de Coelho Júnior*, homenageia o Professor Serva ao recuperar reminiscências dos primeiros passos do autor como pesquisador, e como foi marcante a presença de Mauricio Serva nesta jornada. Em um misto de rigor no trato acadêmico e afetividade no trato pessoal, um texto emocionante é apresentado, mostrando que a ciência não precisa ser sisuda para ser relevante.

O depoimento de *Ana Paula Paes de Paula, Racionalidade e afetividade: Maurício Serva, um “guerreiro” na academia brasileira*, ao explorar as contribuições do professor e cientista homenageado para o campo da Administração, resgata sua trajetória acadêmica, e a forma como ao longo e por meio dela se tornou um intelectual combativo, racional e, ao mesmo tempo, afetivo.

Em *Maurício Serva: um sociólogo da administração*, *Marcelo de Souza Bispo* recupera como se deu a sua relação ao tempo em que relê sua obra considerando-o um sociólogo da administração. Por meio das ideias de ação racional substantiva, organizações substantivas e da influência do pragmatismo, entre outros aspectos, Maurício Serva contribuiu para construir uma ciência da administração voltada para encarar os grandes desafios atuais.

Encerrando a homenagem, *Danilo Melo, Gustavo Matarazzo e Rafael Alcadipani* apresentam *Uma (humilde) homenagem pragmatista a Maurício Serva*. Neste ensaio-depoimento, os autores registram um conjunto de aprendizados, momentos vividos e sociabilidades proporcionadas, demonstrando a potência desenvolvida em relações construídas com e a partir das relações com o homenageado. O destaque de algumas máximas pragmatistas que marcam o projeto pragmatista na trajetória recente de Mauricio Serva releva posturas fundamentais: a resistência e potência no/do fazer científico em administração e

a preocupação epistêmico-metodológica com a ação nas organizações. Tais máximas se expressam também em suas práticas cotidianas, sempre voltadas para diálogos baseados em princípios éticos e na generosidade.

Boa leitura!

## REFERÊNCIAS

Demo, Pedro (1987). *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo: Atlas.

Favret-Saada, Jeanne (2005). Ser afetado. *Cadernos de Campo*, 13, 155-161.

Hale, Charles R. (Ed.) (2008). *Engaging contradictions: theory, politics, and methods of activist scholarship*. Berkeley: University of California Press.

Pessoa, Sonia C. (2021). Inquietações que nos movem: argumento e polifonia em pesquisa de dimensão afetiva. In Sonia C. Pessoa, Ângela S. Marques, & Carlos M. C. Mendonça (Orgs.). *Afetos: teses e argumentos* (pp. 51-64). Belo Horizonte: PPGCPM/UFMG.

## CONTRIBUIÇÃO

### Luiz Alex Silva Saraiva

O autor declara ser o único responsável por todas as fases envolvendo a elaboração desta contribuição.

## CONFLITOS DE INTERESSE

O autor declara não haver conflitos de interesse.

## PROCEDIMENTOS ÉTICOS

O autor declara que foram observados os princípios e preceitos éticos que norteiam a pesquisa com seres humanos no estudo que serviu de base para esta contribuição.

## AGRADECIMENTOS

O autor agradece à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) pela infraestrutura de pesquisa e de trabalho e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelos recursos que permitiram viabilizar esta publicação.

## COMO CITAR

Saraiva, Luiz Alex S. (2022). Ciência e afeto. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 9(28), 225-231.